

Tonico e Tinoco: Quando a cultura caipira alcançou a mídia. Uma leitura cultural¹

Maria Isabel Amphilo²
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Este artigo trata da leitura cultural da reportagem de José Hamilton Ribeiro, sobre a dupla caipira Tonico e Tinoco, que foi ao ar em 27 de janeiro de 2013. Este trabalho buscou identificar na narrativa a dialogicidade que foi construída, apontando o jornalista como mediador de identidades. O conceito de identidade foi tomado de Moragas Spa e Gilberto Gimenez, bem como o conceito de leitura cultural de Cremilda Medina, em que o jornalista é um mediador-autor. Assim, a partir do processo dialógico da entrevista em profundidade e com recursos de imagem e som, a relação estabelecida entre sujeito-sujeito leva ao diálogo dos afetos. A evidente sintonia fina entre o entrevistador e entrevistado permitem o desenvolvimento da reportagem em âmbito profundo da identidade cultural caipira.

Palavras-chave: Telejornalismo; Mediações; Identidade Cultural; Globo Rural, Folkmidia.

Resumen

Ese artículo tratase de una lectura cultural de un reportaje de José Hamilton Ribeiro, respecto a una “dupla caipira” Tonico y Tinoco, que fue transmitida el 27 de enero de 2013. Ese trabajo buscó identificar en la narrativa la dialogicidad que fue construída, presentando el periodista como un mediador de identidades. El concepto de identidad fue tomado de Moragas Spà y Gilberto Gimenez, así como el concepto de lectura cultural de Cremilda Medina, donde el periodista es un mediador-autor. Así, a partir del proceso dialógico de la entrevista en profundidad y con recursos de imagen y sonido, el establecimiento de una relación entre sujeto-sujeto llevan al “diálogo de los afectos”. La evidente sintonia fina entre el entrevistador y el entrevistados permiten el desarrollo de la reportaje en ámbito profundo de la identidad cultural “caipira”.

Palabras-llave: Teleperiodismo; Mediaciones; Identidad Cultural; “Globo Rural”, Folk media.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares, GP Folkcomunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutoranda no CJE (Jornalismo e Editoração), na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista Fapesp. Email: isabelamphilo@hotmail.com.

Leitura Cultural

Cultura a la producción de fenómenos que contribuyen, mediante la representación o reelaboración simbólica de las estructuras materiales, a comprender, reproducir o transformar el sistema social, es decir, todas las prácticas e instituciones dedicadas a la administración, renovación y reestructuración del sentido. (Canclini, 2007: 71)

A partir da concepção proposta por Garcia Canclini, que compreende a cultura como a produção simbólica capaz de transformar o sistema social e que tem o poder de administrar, renovar e reestruturar o sentido no espaço social; nos propomos a realizar uma leitura cultural, averiguando como o jornalista, enquanto mediador cultural, realiza a leitura cultural, a partir de sua ótica, subjetividades e experiências de vida, e promove essa mediação tão importante à sociedade.

La filosofía de las formas simbólicas de Cassirer, la fenomenología husseliana, la hermenéutica de Ricoeur, la filosofía analítica inglesa, las investigaciones antropológicas sobre el mito, las psicoanalíticas sobre lo simbólico y lo imaginario, las semióticas, el interaccionismo simbólico, la sociología del campo intelectual de Bourdieu figuran entre las contribuciones más fecundas a la comprensión actual de los procesos de simbolización. (Canclini, 2006: 14)

A leitura cultural é um conceito elaborado por Cremilda Medina para dar conta de uma brecha nos estudos jornalismo e cultura no contexto brasileiro, que foram defendidos em sua tese de livre-docência: “Povo e Personagem” (1989). O leitor cultural é um mediador cultural que, através do ato crítico, faz uma releitura do fenômeno cultural e expressa através dos meios comunicacionais disponíveis a sua interpretação daquele determinado universo cultural, em seu contexto sócio-político-econômico e histórico. A leitura cultural desvenda o modo de ser, de pensar, de ser-no-mundo do homem em seu contexto vivencial.

Apesar de a leitura cultural não exigir uma “camisa de força metodológica”, como afirma Cremilda Medina (1996: 29), é preciso rigor no “ato crítico”, categoria tomada por Cremilda Medina de Antonio Candido. “O ato crítico é a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através de interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem...” (Medina, 1996: 29).

Apesar da liberdade que tem o leitor cultural em elaborar o ato crítico, ou uma mensagem cultural, é preciso manter a “integridade da criação”, ou a significação da expressão cultural. É preciso considerar o universo do homem do campo, seu *habitus*, sua maneira de pensar e ver o mundo. A expressão cultural que fomenta a identidade cultural emerge do *habitus* e do *modus vivendi* do sujeito campesino. Apesar das discussões sobre o trânsito do sujeito no espaço geográfico brasileiro, especificamente falando, é fato que o sujeito leva consigo sua complexidade, o ser humano é um ser complexo que participa de diversas identidades culturais, no seu contexto sócio-político-econômico-cultural.

Moragas Spà (1995) aborda o conceito de identidade cultural a partir das raízes históricas locais, como patrimônio da humanidade, e que “(...) deve ser conceituada em termos dinâmicos, como condição para a possibilidade de ação coletiva, ou, em termos políticos, como condição para formas de participação democrática em nossa sociedade”. Conhecer a dinâmica das identidades culturais nos dá respaldo para compreendermos como as relações se estabelecem entre as culturas e de que maneira lidar com os conflitos identitários.

Gilberto Gimenez (Revista *Cultura y Representaciones Sociales*. Año 6, núm. 11. Septiembre) define identidade como:

(...) el conjunto de repertorios culturales interiorizados (representaciones, valores, símbolos...) a través de los cuales los actores sociales (individuales o colectivos) demarcan simbólicamente sus fronteras y se distinguen de los demás actores en una situación determinada, todo ello en contextos históricamente específicos y socialmente estructurados.

Gilberto Gimenez avalia o conceito de identidade explicando sua ampla aceitação devido ao seu caráter estratégico e seu poder condensador. A identidade é, na verdade, o grande poder aglutinador de uma sociedade, ou grupo social. Através dos sistemas de linguagem estabelecem-se as relações sociais e, assim, é possível ao indivíduo expressar-se e manifestar seus pensamentos e ideias artisticamente.

Na compreensão de Gimenez (Revista *Cultura y Representaciones Sociales*. Año 6, núm. 11. Septiembre: 55), ao dialogar com Bauman, afirma que “... as identidades como qualquer fato social contextualizado no tempo e no espaço, também mudam adaptando-se ao seu entorno e recompondo-se incessantemente.” O problema está justamente em “como” acontecem essas mudanças. Na dinâmica social, as identidades sociais e culturais se recompõem. Essa recomposição, ou atualização, permitem as entradas e saídas de

conteúdos simbólicos (González, 1984). Nessa dinâmica que se desenvolve nas relações sociais e no contexto vivencial. Vale ressaltar que o conceito de identidade é inseparável da ideia de cultura, pois as identidades somente podem ser formadas a partir do processo de diferenciação e identificação entre diferentes culturas. Ou, voltando-nos a Buber (1977), é na relação eu-tu que podemos nos reconhecer e saber quem somos, ou não-somos.

O Programa Globo Rural apresenta-nos na sua diversidade de reportagens com temas culturais uma realidade que por vezes, o programa realiza a posição de mediação de identidades culturais dentro da própria cultura brasileira, considerando o Brasil como um país de dimensões praticamente continentais. Assim, identificamos em suas reportagens a atuação de jornalistas na posição de mediadores de identidades, apresentando ao próprio brasileiro uma realidade geograficamente distante de sua realidade contextual, devido as dimensões continentais do país.

Dessa maneira, se percebe que o repórter assume a posição de mediador entre o campo e a cidade, entre o rural e o urbano, ou como alguns chamam de “rurbano”, e ainda num contexto de transito migratório, considerando os movimentos migratórios que aconteceram no país e que influenciaram nossas identidades culturais pelo país fora. Se por um lado o trânsito de pessoas e, portanto, sua subjetividade, sua cultura, seu *habitus* e *modus vivendi*; temos também outro fenômeno muito presente no país, que é o da miscigenação racial e cultural.

A reportagem de José Hamilton Ribeiro vem mostrar-nos o fenômeno da caipiridade, da projeção da cultura caipira que atravessou os limites do espaço circense, que era onde as duplas caipiras se apresentavam no início do século passado e ganhou os meios de comunicação. Então temos uma dupla caipira que foi do circo ao cinema, passando pelo espaço consagrado da cultura, que é o teatro, com uma apresentação emblemática no Teatro Municipal de São Paulo, em 1979, numa apresentação de aproximadamente 3 horas, com um público estimado de 2.500 pessoas.

O sucesso da dupla, porém, deve-se ao alto teor comunicacional de suas músicas e a identidade cultural, considerando o Brasil até então, muito mais rural, que urbano, ou rurbano. O tema do cotidiano da vida simples da fazenda, do sítio, das expressões e manifestações culturais do interior brasileiro, a dupla Tônico e Tinoco tocava o coração do caipira, do sertanejo, daquela que saía da sua terra para trabalhar na cidade grande e sentia saudades de sua terra, seus pais, sua família, considerando o grande êxodo rural ocorrido no país nas décadas de 1960-70. A música de Tônico e Tinoco, a voz típica do interior e o

linguajar caipira os aproximavam aos milhares de migrantes espalhados pelo país, mas principalmente realizando a comunicação entre o interior de São Paulo e a capital cosmopolita.

Assim, a identidade brasileira é expressa no Programa Globo Rural, a partir de traços culturais que são trazidos à TV aberta de maneira “tão natural”. O que faz parte do universo do campesino é resgatado através do registro, na reportagem em profundidade. O poder da imagem que faz emergir ali a expressão do caipira, do caboclo, do sertanejo. “Dia” é o cumprimento do repórter dirigindo-se ao indivíduo local. O cumprimento é seguido de um sorriso, que mais abre a porta do universo caipira, da roça, para o mediador cultural. Inicia-se o diálogo dos afetos.

A complexidade está em entrar nesse universo e conseguir compreender a essência da cultura local, da identidade específica daquela gente, que se abre ao repórter para mostrar-lhe a sua vida no cotidiano e revelar especificidades antes desconhecidas, que chegam à TV aberta, já na década de 1970. O campo rompe as fronteiras do espaço e do tempo e alcança a cidade, a metrópole, o exterior, através do cabo e do satélite. Não é de se espantar a paixão que gera no estrangeiro, quando este pode ver manifestações artísticas e culturais, da nossa cultura especificamente, a milhas de distância. Ai acontece o encanto da identidade local.

Emerge do campo, depois do trabalho braçal do dia inteiro, o momento de “espairecer” com expressões as mais diversas: a moda de viola, a leitura de um conto (por alguém da família que sabe ler), ou causos são contados, comer um doce de leite caipira feito pela mãe, ou pela avó. As crianças brincam com brinquedos artesanais, cirandas de roda, contos folclóricos e ainda brincadeiras que não exigem meta-ferramentas (esconde-esconde, pega-pega, morto-vivo).

As marcas identitárias que o sujeito carrega consigo revelam seu modo de pensar e ver o mundo. “Óculos” culturais, digamos assim. Se para o ocidente é um absurdo ver uma mulher de burca, para o oriente é um absurdo uma mulher usar biquíni na praia de Copacabana. É um exemplo chocante para exemplificar que vemos a realidade e a analisamos a partir de nossos “óculos culturais”. “Só um mediador que estuda as culturas do local ao universal, passando pelo regional e nacional, poderá atuar como agente de mediação social” (Cremilda Medina, 1996: 20).

O jornalista não é somente o tradutor de sentidos e significados na sociedade, mas o produtor de discursos polifônicos e polissêmicos. Sua atuação tem o poder de modificar o

status quo. O desafio, porém, do profissional na contemporaneidade está na interatividade dos sujeitos e na compreensão da informação, na fonte. As relações entre os sujeitos são determinantes para a compreensão das representações simbólicas no contexto da emissão.

A linguagem como expressão da essência do ser

É através dos diversos tipos de linguagem que o ser humano se expressa. Expressa sua visão de mundo, seu *ethos* cultural, seus valores e desejos. A linguagem, enquanto sistema de signos combinados, possibilita a expressão do pensamento, do que se quer dizer. Mas, nem sempre isso é fácil, quando se fala em cultura local. Por quê? Porque simplesmente há signos que não “traduzíveis”, ou que se perdem na tradução, justamente porque se relaciona a uma característica específica do local.

É importante ao repórter, antes de elaborar a matéria, ter um contato com o “cidadão da terra”. A identidade cultural não é algo tão simples. Há certos códigos e linguagens que estão intrínsecos à cultura e não perceptíveis ao forasteiro. No Brasil, por exemplo, as mulheres ao se cumprimentarem, dão-se um ou dois beijos no rosto. Em outras culturas, os homens se dão beijos no rosto.

Em *A interpretação das culturas*, Clifford Gertz apresenta-nos o conceito de *ethos*, que é a “ética cultural”. A maneira de viver que contempla o permitido e o proibido, os limites do que é respeitável e do que é falta de respeito, do que é louvável e do que é abominável. Porém, uma coisa é certa: o estrangeiro, ou forasteiro, ao aproximar-se de uma cultura precisa ter uma postura de respeito e estar mais pronto a ouvir, que a falar. Ouvir, muitas vezes através dos ouvidos culturais do cidadão da terra, porque ouvir é bem diferente de entender, de compreender, de entender o significado de determinada expressão local.

Em “O Auto da Compadecida”, de Guel Arraes (2000), obra analisada em nossa dissertação de mestrado defendida em 2003, na universidade Metodista de São Paulo, pudemos ver uma obra que apresentava a essência do brasileiro. Uma obra de cunho regionalista, elaborada por Ariano Suassuna e inspirada em quatro folhetos de cordel nordestinos. Essa obra é ininteligível ao estrangeiro. E o próprio brasileiro precisa ter contato com cidadãos nordestinos, portanto habitantes da terra, para conseguirem compreender o sentido de determinadas expressões locais e regionais utilizadas na obra. O que não desestimula o espectador, pelo contrário, encanta, tal a autenticidade da obra em sua essência, em sua “nordestinidade”. É justamente essa essência que revela a identidade

cultural brasileira, regional, nordestina, que traz fortemente o sentimento de afeto, de pertença, de solidariedade, principalmente em relação aos problemas sociais do contexto vivencial em que se passa a obra, na cidade de Taperoá, na Paraíba, região nordeste do país.

Caipira com Orgulho: a aceitação do Caipira

Inezita Barroso, em uma entrevista ao Roda Vida, afirmou que Monteiro Lobato fez um grande “favor” à nossa cultura. Trouxe a vergonha de ser caipira. O estereótipo do sujeito tímido, de calças curtas, que falava errado, andava sempre sujo, devido ao trabalho na lavoura e ainda sem modos civilizatórios. A dignidade do caipira veio com a sua aceitação, através de sua projeção nos meios massivos de comunicação e o árduo trabalho realizado por apresentadores como: Moraes Sarmiento, Inezita Barroso, Rolando Boldrin, e algumas apresentações de Raul Gil. A “caipiridade”, digamos assim, foi aos poucos, sendo aceita pelo próprio caipira e pelo sertanejo, que vivia sempre com os olhos na metrópole. “Quando meu filho crescer vai estudar na capital.” Era uma frase comum nas províncias. Porque na capital era onde tudo de melhor acontecia: melhores estudos, melhores trabalhos, mais dinheiro para injetar no campo. Com a crise no campo, na década de 1960-70, os filhos vieram para a capital e trouxeram consigo seus costumes, traços identitários e sua cultura, expressa na culinária, músicas, danças, arte popular e artesanatos gerais.

A música caipira foi, então, ganhando o espaço da capital, através dos seus filhos caipiras. As músicas de

CHICO MINEIRO

Composição: Tônico E
Francisco Ribeiro

Cada vez que me alembro
Do amigo Chico Mineiro
Das viagens que nós fizíamos
Era ele meu companheiro

Sinto uma tristeza
Uma vontade de chorar
Alembando daqueles
tempos
Que não mais há de voltar

Apesar de eu ser patrão
Eu tinha no coração
O amigo Chico Mineiro
Caboclo bom decidido
Na viola era dolorido e era o
peão dos boiadeiros

Hoje porém com tristeza
Recordando das proezas
Da nossa viagem motim

Viajemos mais de dez anos
Vendendo boiada e
compramos
Por esse rincão sem fim

Caboclo de nada temia
Mas porém chegou um dia
Que o Chico se apartou-se
de mim

Tonico e Tinoco, através dos discos e sua projeção midiática, mesmo que tímida, alavancou a carreira da dupla sertaneja, agora adaptada ao mercado consumidor, com chapéus, uma boa viola e a calça jeans. O linguajar caipira permaneceu como forte traço cultural e identitário, o que despertava a saudade da fazenda, do sítio, do cafezinho passado na hora e as longas conversas na varanda das casas, ao som de “Chico Mineiro”.

Do Circo ao Cinema: a cultura caipira ganha a mídia

O interior de São Paulo convive com a dicotomia tradição e modernidade desde sempre. Com a vinda das indústrias para o interior, as cidades antes com todo o perfil rural, foram se urbanizando e passaram a conviver com a dualidade campo e cidade, rural e urbano, tradição e modernidade, artesanal e o industrializado.

A reportagem se inicia no circo. José Halmilton apresenta o circo como o grande palco da dupla Tonico (João Salvador Perez, 1917-1994) e Tinoco (José Salvador Perez, 1920-2012). Havia cerca de 200 circos em São Paulo, explica o repórter, que se mostra afeto ao cantor, na medida em que expõe um comportamento solidário às dificuldades da dupla. Sua voz deixa transparecer sua emoção e sua empatia ao narrar a história da emblemática dupla caipira que conseguiu furar o bloqueio midiático para a cultura caipira.

A reportagem se revela como de autoria, na medida em que José Hamilton interage com Tinoco e nessa dialogia se revela a essência da cultura caipira. Como autor-mediador, o repórter cria condições para uma interação criadora. (Medina, 2010.)

Fizemo a urtima viagem
Foi lá pro sertão de Goiás
Fui eu e o Chico Mineiro
Também foi o capataz

Viajemo muitos dia
Pra chegar em | Ouro Fino
Aonde nois passemos a
noite
Numa festa do Divino

A festa estava tão boa
Mas antes não tivesse ido
O Chico foi baleado
Por um homem
desconhecido

Larguei de compra boiada
Mataro meu companheiro
Acabou-se o som da viola
Acabou-se o Chico Mineiro

Despois daquela tragédia
Fiquei mais aborrecido
Não sabia da nossa
amizade
Porque nois dois era unido

Quando vi seus documento
Me corto o coração
Vim saber que o Chico
Mineiro
Era meu legitimo irmão

O espaço lúdico do circo é o lugar de manifestações de representações simbólicas que fomentam a criatividade infantil e fazem parte do imaginário popular, reforçando a identidade cultural.

Era no circo que a cultura caipira encontrava seu espaço de expressão. Não somente no interior de São Paulo, mas pelo país afora. Assim, as duplas caipiras se apresentavam como atração musical no circo, ao “respeitável público”. Outras duplas sertanejas foram reveladas através de Tônico e Tinoco, como Cacique e Pajé, que eram índios caiapós.

A imagem elabora conjuntamente a narrativa, que emociona. O rádio aparece como protagonista na sala da fazenda. Conta-se que no início do século passado, as pessoas vestiam-se de maneira formal para ouvir o rádio, tal era sua importância na vida das famílias brasileiras. Sergio Reis recorda-se de seu pai ouvindo programas de rádio, atentamente. O papel do rádio na expansão da música caipira foi decisivo e incontestável. Através das ondas curtas e médias, a música caipira ganhou o país.

Aparece outra mídia: o disco. As duplas em diferentes linguagens. O circo, o rádio, o disco, a televisão. As adaptações de linguagem necessárias, Tinoco revela ao repórter uma situação inusitada, em que a dupla conseguiu estourar um microfone na gravação do disco Chico Mineiro.

O especialista Maikel Monteiro, possui todos os Lps 78 rotações, compactos duplos, cds masterizados, dvds, livros e filmes da dupla que projetou a música caipira nos meios de comunicação. Livrinhos com as letras das músicas eram feitos em formatos de livretos de cordel. O repórter vai à casa de Maikel Monteiro para encontrar uma raridade: um único meio disco da gravação que estourou o microfone. Foi um 78 rotações, gravado em 1944. De um lado a música “Em vez de me agradecer”, pela Continental, Tônico & Tinoco (Viroleiros); do outro, Palmeira & Piraci. Dupla que se desfez, antes mesmo da projeção da música “Salada internacional”.

O sucesso de Tônico e Tinoco, porém, veio com Cortando Estradão, de Anacleto Rosas e uma moda de viola: Chico Mineiro, que foi o grande sucesso da dupla e da história da música caipira. Foi aí que o sucesso veio e a popularidade da dupla em todo o país.

O próximo desafio seria o cinema. Tônico e Tinoco tiveram participação em sete filmes: “Lá no meu Sertão”, de Eduardo Llorente (1961), que conta a história da dupla; “Obrigado a matar”, de Eduardo Llorente (1965), baseado na lenda de Chico Mineiro; “A marca da ferradura”, de Nelson Teixeira (1969); “Os três justiceiros”, de Eduardo Llorente (1970); “Luar do Sertão”, de Osvaldo de Oliveira (1972); “O menino jornaleiro”, como co-

produtores (1983); “A marvada carne”, de André Klotzel (1984). As paredes contam a história da dupla através de imagens, cartazes, homenagens, anúncios de shows, capas de discos, entre diversas outras, formam a narrativa visual da história de Tônico e Tinoco.

Com a morte do parceiro, em 1994, Tinoco segue em carreira solo, porém com momentos de parcerias. A tentativa de fazer dupla consigo mesmo através de tecnologias foi uma saída possível. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, com José Maria Campos e Martinho Campos, realiza-se a representação da música Chico Mineiro, no cenário da fazenda, com vaqueiros tocando o gado, a terra que levanta a poeira, o berrante chamando a boiada.

O repórter de camisa azul de manga comprida, calça bege e botas pretas o aproximam dos violeiros, vestidos da mesma maneira. Com as imagens de Jorge dos Santos, o clipe inicia-se com os vaqueiros tocando o gado. No cenário da fazenda, inicia-se a narrativa de “Chico Mineiro”. Tinoco se emociona. Seus olhos marejados mostram o forte sentimento identitário.

Ze Halmilton aparece no sofá da sala, sentado ao lado de Tinoco, assistindo à televisão o clipe do vídeo de Chico Mineiro. Aparece o vaqueiro, como representação do caboclo, o valente que apascenta o rebanho e o guia com seu berrante. Três vaqueiros aparecem montados em seus cavalos, como que voltando da lida com o gado. Tinoco assiste o clipe com os olhos marejados, cantando baixinho, com uma expressão de saudade, que transborda a imagem.

O sino aparece anunciando a festa do divino. O clipe mostra uma Festa do Divino Pai Eterno, com pessoas dançando na frente da igreja, em chão batido de terra. As mulheres rezam na igreja, com a cabeça coberta com lenços rendados, alguns pretos, tradição antiga.

Na Festa do Divino, um grupo de violeiros anima a festa, enquanto as pessoas se divertem, até que de súbito, alguém atira num indivíduo. Era a representação da música “Chico Mineiro”. O vaqueiro, então, pendura a cela e o violão. Tinoco emociona-se e diz que “foi além do que eu esperava”. Emocionado e com os olhos marejados. Um sorriso alegre e tristonho, emocionado Tinoco agradece. Na imagem, a carteira de identidade antiga já velha e surrada, revela que o indivíduo baleado, o Chico Mineiro, era irmão legítimo do narrador da história. Na cidade de Pratânia, em São Paulo, há o Museu de Tônico e Tinoco, anuncia Nelson Araújo.

Registro precioso realizado pelo Globo Rural, devido ao pioneirismo e a grande importância da dupla Tônico e Tinoco para a cultura caipira, e que já faleceram. O legado

cultural da dupla caipira é inegável e vai além da música, tornando-se marca identitária do caipira, sertanejo, uma referência da cultura do interior de São Paulo.

As músicas de Tônico e Tinoco narram o cotidiano da lida na roça, no campo, das festas no interior, da mulher cabocla, mestiça, com um ar de inocência que encanta, como expressa na música “Cabocla Tereza”. Os cenários das músicas quase que descrevem a fazenda, o sítio, os animais, como a música “Luar do Sertão”, além das relações sociais e a dialogia que se estabelecia, como em “Chico Mineiro”.

A reportagem mostra o jornalista afeto ao contexto identitário, que expressa atitudes solidárias em relação ao sujeito entrevistado. Na dialogia da reportagem se estabelece a relação sujeito-sujeito, em que na interação e trocas simbólicas da informação, o entrevistado se emociona ao rever o clipe da música que ele tanto cantou durante toda a sua vida, pois fora a música de mais sucesso e que alavancou a carreira da dupla nos meios de comunicação. E entendemos que Tônico e Tinoco foram, na verdade, os responsáveis pela difusão da cultura caipira, através das suas músicas.

Ao analisar as letras das músicas pode-se perceber como ali revela-se o modo de ser, de pensar, de agir, de atuar no mundo, do caipira, do sertanejo. Ou seja, as marcas identitárias da cultura caipira são facilmente percebidas na linguagem, como o modo de falar caipira, a calça jeans (ou vaqueiros, em espanhol, que se refere justamente aos vaqueiros); até o conteúdo das músicas que falavam sobre a realidade e o cotidiano da vida no interior, da lida na roça, dos problemas e conflitos relacionais no contexto da fazenda, na lida com os animais e no campo. A cultura caipira, rural, campesina saiu do âmbito do interior e ganhou o país, através da difusão midiática.

A importância disso tudo? A aceitação da identidade caipira e a consciência identitária, que foi possível trazer ao diálogo social os problemas e conflitos no interior, na pauta da sociedade. Com Chico Mineiro, temos o cenário de uma festa do interior, a relação entre irmãos que não se conheciam, a lida com o gado, o cenário das Minas Gerais e a violência no âmbito rural, em que as coisas muitas vezes se resolviam na bala. Capatazes eram contratados para proteger as fazendas. E num determinado momento, o país viu-se com um movimento de banditismo social, no sertão brasileiro, com o bando de Lampião.

As músicas de Tônico e Tinoco revelam os problemas sociais e culturais de um determinado contexto histórico, além de revelar as marcas identitárias do caipira, como: a culinária, a religiosidade, as relações sociais, políticas e econômicas. Portanto, entendemos que as marcas identitárias reveladas nas músicas da dupla e o trabalho do repórter são de

um valor inestimável de registro da cultura caipira, do interior do estado de São Paulo, além da mediação-autoral realizada pelo jornalista.

Considerações Finais

A relação estabelecida entre sujeito-sujeito é clara na medida em que o repórter estabelece um diálogo mostrando-se afeto ao entrevistado, através de sua disposição, tom de voz, proximidade, interesse em ouvir e, principalmente, conhecimento sobre a história da dupla Tonico e Tinoco e fatos históricos importantes na história da música caipira, como também da cultura caipira, iniciando a reportagem no picadeiro de um circo, que por muito tempo foi o palco das duplas sertanejas pelo país afora.

Estabelece-se o diálogo dos afetos, na medida em que o repórter manifesta-se afeto ao entrevistado, mostrando-se interessado em ouvir e saber mais sobre as narrativas contadas pelo entrevistado e suas especificidades, como o episódio da gravação de Chico Mineiro, em que o microfone estourou e a dupla foi advertida pela gravadora.

A importância da reportagem, ainda, está no registro histórico de uma das duplas caipiras mais importantes da cultura brasileira, pois além de ser pioneira, conseguiu perpassar vários meios de comunicação, indo do picadeiro do circo ao cinema. Passando por linguagens e expressões distintas, mas sempre com conteúdos simbólicos do universo caipira, do interior de São Paulo, influenciado fortemente pela cultura indígena, mas também, pelos imigrantes que vieram fugindo das duas grandes guerras mundiais e se fixaram no interior de São Paulo. As relações que se estabeleceram ali fomentaram uma cultura caipira, com suas especificidades e determinações, que a dupla conseguia expressar, através de suas músicas.

Assim, sob o signo da relação dialógica a reportagem realiza o diálogo dos afetos, em que o repórter tem um comportamento afeto ao entrevistado e de profundo respeito e interesse pelos conteúdos abordados. Ressaltamos o preparo do jornalista em conhecer a história do entrevistado, mas ainda mais em sua maneira de deixar o entrevistado a vontade para expressar-se e dizer peculiaridades importantes para o registro jornalístico. A sintonia fina estabelecida entre jornalista e entrevistado proporcionam a riqueza da entrevista não somente em suas informações, mas em conseguir transmitir o sentimento de afeto identitário presente na situação vivencial, principalmente, porque já não estão entre nós.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. Tempos Líquidos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BUBER, Martín. Eu-Tu. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
- CANCLINI, N. G. Culturas populares en el capitalismo. México: Grijalbo, 2007.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999b. (A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura, 2).
- DUPLA Tônico e Tinoco foi uma das mais originais da música caipira. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-rural/v/dupla-tonico-e-tinoco-foi-uma-das-mais-originais-da-musica-caipira/2368952/>>. Acesso em 10.04.2015.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed., IS. Reimpressão, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIMENEZ MONTIEL, Gilberto. Comunicación, cultura e identidad. Reflexiones epistemológicas. Revista Cultura y Representaciones Sociales. Año 6, núm. 11. Septiembre. UNAM-MX, p. 1-24.
- GONZÁLEZ, Jorge A. Más (+) Cultura (s): ensayos sobre realidades plurales. México: Pensar la cultura, 1984.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 11ª edição, 2006.**
- JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.**
- MEDINA, Cremilda C. A. Povo e Personagem. 1. ed. Canoas-RS: Editora da Ulbra, 1996. v. 1. 245 p.
- MEDINA, Cremilda. O criador na assinatura coletiva. Fev. 2010.
- MORAGAS SPA, Miquel e GARITAONANDÍA, Carmelo (orgs). Decentralization in the global era: television in the regions, nationalities and small countries of the European Union. John Libbey & Company: London, England, 1995.
- THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 6ª edição. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.